

YU HUA
VIVER



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Copyright © 1993 by Yu Hua
Esta tradução é publicada por acordo com a Yilin Press Ltd. China
Todos os direitos reservados.

Título: Viver
Título original: 活着 (*Huozhe*, 1993)
Autor: Yu Hua
Tradução (a partir do original) e notas: Tiago Nabais
Revisão de texto: Rute Mota
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, outubro de 2018

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-881-6

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 446914/18

Yu Hua

Viver

Tradução e notas de
Tiago Nabais

Ficções / Autores Chineses

Quando era dez anos mais novo do que sou hoje, arranjei um trabalho muito agradável, em que tinha a função de percorrer os campos e as aldeias para recolher canções populares. Passei todo o verão a deambular por aqueles arrozais inundados pelo brilho do Sol, qual pardal que vai esvoaçando ao acaso. Gostava de beber o chá amargo dos camponeses, e retirava-o à vontade das bacias que deixavam junto às árvores. Enchia o meu bule e trocava umas quantas palavras soltas com os homens que trabalhavam a terra, passando depois com alegria por entre as raparigas que riam e cochichavam sobre mim. Uma vez, passei uma tarde na conversa com um velho que tomava conta de um campo de melões, e foi o dia em que comi mais melão em toda a minha vida. Ao levantar-me para as despedidas, apercebi-me de que tinha tantas dificuldades em caminhar como uma grávida. Depois, sentei-me junto a uma avó, na soleira da sua porta, e ouvi-a cantar a canção “As Dez Luas da Gravidez” enquanto tecia um par de sapatos de palha. O momento que eu mais apreciava era o final da tarde. Sentava-me à entrada das casas dos camponeses e via as pessoas a carregar água do poço para a atirar para o chão, de maneira que a poeira pousasse. Depois, por entre os últimos raios de sol que perfuravam as árvores, refrescava-me com um leque enquanto provava aqueles pratos salgados e observava as raparigas a conversarem com os rapazes.

Trazia sempre um grande chapéu de palha na cabeça e umas sandálias nos pés. Prendia uma toalha no cinto, nas minhas costas, que abanava como a cauda de um animal enquanto caminhava. Passava

o dia a bocejar e a andar vagorosamente pelos carreiros estreitos que separavam os arrozais, com as sandálias num ruidoso *pada pada*, a levantar tanto pó que mais pareciam rodas de um carro.

Caminhava por onde me apetecia e, a certo ponto, já não sabia que aldeias tinha visitado e quais as que ainda não conhecia. Muitas vezes, ao aproximar-me de uma povoação, ouvia os miúdos gritar:

“Vem aí outra vez o homem dos bocejos!”

As pessoas da aldeia ficavam a saber que estava de volta aquele homem que contava histórias brejeiras e cantava canções de amor. Mas, na verdade, foi com os camponeses que aprendi todas essas histórias e canções, e já sabia o que os interessava, que naturalmente me interessava a mim também. Uma vez, cruzei-me com um velho que chorava. Estava sentado junto ao arrozal com a cara inchada, numa profunda angústia e agitação. Vendo-me chegar, levantou a cabeça e chorou de forma ainda mais ruidosa. Perguntei-lhe quem lhe tinha batido e, enquanto raspava a lama das calças com as pontas dos dedos, respondeu em fúria que tinha sido o seu filho desnaturado. Quando lhe perguntei porquê, hesitou um pouco e disse que não sabia a razão, e percebi logo que tinha havido confusão com a nora. Houve também uma noite em que, enquanto caminhava de lanterna em riste, avistei dois corpos despidos junto a um charco. Um dos corpos pressionava o outro, mas ao serem iluminados não se viu qualquer movimento, apenas uma mão a coçar levemente uma perna, e desliguei a lanterna assim que percebi o que se passava. Um dia, à hora de almoço, durante uma fase de intenso trabalho nos campos, entrei numa casa com a porta aberta em busca de água. Um homem, vestido apenas com uns calções, bloqueou-me a passagem com uma expressão de perplexidade e em seguida conduziu-me ao poço e encheu um balde de água para mim, correndo depois de volta para casa com a rapidez de um rato. Assisti a inúmeras situações deste tipo, tantas como as canções que por ali escutei e, ao olhar para o manto verde que cobria aquelas terras, percebia porque eram elas tão férteis e luxuriantes.

Durante aquele verão, por pouco não me meti num namoro. Conheci uma rapariga muito agradável, tanto ao espírito como à vista, e o seu rosto moreno ainda hoje brilha nos meus olhos. No momento em que a vi, ela estava de calças arregaçadas sentada nas ervas à beira do rio, e agitava uma cana de bambu de um lado para o outro enquanto

cuidava de um bando de patos carnudos. Esta miúda tímida, de dezasseis ou dezassete anos, passou comigo uma tarde muito quente. Sempre que mostrava o seu sorriso, baixava de imediato a cabeça, e eu ficava a vê-la a baixar discretamente as dobras das calças e a tentar esconder os pés descalços por entre a erva. Passei a tarde a falar sobre o que me passasse pela cabeça e disse que a levaria comigo em grandes viagens, o que a deixou surpreendida e contente. Fui invadido por um enorme entusiasmo e era sincero no que lhe dizia. Sentia-me muito feliz ao seu lado e não ponderei no que se passaria depois. No entanto, quando mais tarde vi os seus três irmãos, todos robustos como bois, a caminhar na nossa direção, apanhei um valente susto, e pensei que o melhor seria correr dali para fora pois, caso contrário, ainda me obrigavam a casar.

Foi no momento em que a primavera deu lugar ao verão que conheci o velho Fugui. Pus-me à sombra de uma enorme e viçosa árvore, rodeada por campos onde o algodão já tinha sido colhido e algumas mulheres, de lenço na cabeça, o iam empilhando, com rabos que tremiam sempre que sacudiam a terra das raízes das plantas. Tirei o chapéu de palha e peguei na toalha que trazia presa ao cinto para limpar o suor da cara. Ao meu lado havia um charco, que refletia o amarelo do Sol, e sentei-me virado para lá, encostado ao tronco da árvore. Em pouco tempo, senti-me dominado pelo sono e estendi-me na erva à sombra da árvore, com a cabeça pousada na mochila e o chapéu de palha sobre a face.

Assim, com menos dez anos do que tenho hoje, dormi duas horas sobre a erva e debaixo das folhas da árvore. Pelo meio, várias formigas subiram para as minhas pernas, e, enquanto dormia, afastava-as com os dedos. A certa altura, um velho que se apoiava numa cana começou a gritar ao longe, como se estivesse à beira de água. Fui arrancado do sono e, já desperto, ouvia com nitidez aqueles berros. Depois de me levantar, vi num terreno próximo este velho a dirigir um velho boi.

O boi, que puxava o arado, parecia já exausto, e estava então quieto e de cabeça baixa. O velho, que vinha atrás a segurar o arado de tronco nu, não estava nada satisfeito com aquela atitude, e gritou numa voz forte:

“Os bois puxam o arado, os cães guardam a casa, os monges pedem arroz, os galos anunciam o amanhecer e as mulheres costumam

a roupa... Que raio de boi é este que não puxa o arado? É assim desde os tempos antigos. Anda, vamos!”

Depois de ouvir os gritos do velho, o boi levantou a cabeça, como que assumindo o seu erro, e começou a avançar, puxando o arado.

As costas do velho estavam tão enegrecidas como as do boi, e os dois, que se aproximavam já do ocaso das suas vidas, faziam a terra rija revolver-se, levantando como que pequenas ondas. Pouco depois, ouvi a voz rouca mas comovente do velho a cantar uma canção antiga. No início cantarolava apenas *iala iala*, mas a seguir cantou dois versos:

O Imperador queria-me para seu genro;
Mas o caminho é longo e decidi não ir.

Era a história de um homem que, como morava longe, não aceitou casar com a filha do imperador. A satisfação com que o velho cantava deixou-me com um sorriso na cara. Depois, talvez porque o boi estivesse a abrandar o passo, o velho recomeçou a berrar:

“*Erxi, Youqing*, não sejam preguiçosos. A *Jiazhen* e a *Fengxia* estão a trabalhar bem, e o *Kugen* também não se tem saído mal.”

Quantos nomes tinha afinal aquele boi? Imbuído pela curiosidade, decidi aproximar-me daquele terreno e perguntei ao velho, que vinha na minha direção:

“Este boi tem quantos nomes?”

O velho parou o passo e segurou o arado. Olhou-me de cima a baixo e perguntou:

“Tu és da cidade?”

“Sim.” Acenei com a cabeça.

O velho ficou satisfeito consigo: “Olhei uma vez e percebi logo.”

Perguntei-lhe: “Afinal, este boi tem quantos nomes?”

O velho respondeu: “O boi chama-se *Fugui*, só tem esse nome.”

“Mas ainda agora te ouvi gritar vários nomes diferentes.”

“Ah!” O velho ria de forma bem-disposta. Acenou com a mão, com uma expressão de intriga, e eu aproximei-me, mas quando se preparava para começar a falar, reparou que o boi estava a levantar a cabeça. Repreendeu-o, exclamando:

“Não sejas bisbilhoteiro, baixa a cabeça!”

O boi seguiu a ordem, e o velho disse num tom discreto:

“Não quero que ele perceba que é o único a lavrar a terra, e assim chamo por vários nomes para o aldrabar. Como pensa que há por aqui outros bois a puxar o arado, não se sente triste e trabalha com mais energia.”

O rosto enegrecido do velho ria de forma vívida, o que fazia vibrar as suas profundas rugas que, cheias de terra, lembravam os estreitos carreiros que contornavam os arrozais.

Ele sentou-se comigo junto à grande árvore e, debaixo do sol daquela tarde, contou-me a sua história.



Há quarenta anos, o meu pai andava todos os dias por aqui. Sempre vestido com seda preta e com as mãos por trás das costas, saía de casa e dizia à minha mãe:

“Vou dar uma volta pelas minhas terras.”

Passeava pelos terrenos que lhe pertenciam, e os rendeiros que por ali trabalhavam seguravam a enxada com as duas mãos e diziam com respeito:

“Laoye!”

Quando ia à cidade, as pessoas que se cruzavam com ele tratavam-no também por “Laoye”. Era uma pessoa com grande estatuto, mas não se distinguia dos pobres quando chegava a hora de cagar. Ele não gostava de cagar em casa, na bacia junto à cama, e preferia fazê-lo ao ar livre, como os animais. No momento em que se aproximava a noite, soltava um arrote, que lembrava uma rã, saía de casa e ia calmamente até à fossa da entrada da aldeia.

Ao chegar às latrinas, não se sentava, pois tinha medo de que estivessem sujas, e acorava-se lá em cima. Como estava velho, o cocó já não saía com facilidade, e todos ouvíamos então os seus gemidos vindos da entrada da aldeia.

Ele cagou assim durante décadas e, já depois dos sessenta anos, ainda conseguia aguentar-se lá em cima bastante tempo, com aquelas duas pernas fortes como garras de galinha. Ele gostava de ver o céu escurecer lentamente e o breu envolver as suas terras. Quando a minha filha Fengxia tinha três ou quatro anos, costumava correr atrás do meu pai para o ver a cagar. As pernas dele tre-

miam ligeiramente lá em cima, pois já era velho, e Fengxia perguntava-lhe:

“Avô, porque é que estás a tremer?”

O meu pai dizia: “É do vento.”

Naqueles tempos, a minha família ainda não tinha caído em desgraça. A nossa família Xu era proprietária de mais de cem *mu*² de terra, daqui até à chaminé daquela fábrica era tudo nosso. O meu pai e eu éramos patrões conhecidos longe e perto. O som que faziam os nossos sapatos quando andávamos pela rua lembravam moedas de cobre a cair umas sobre as outras. A minha mulher Jiazhen era filha do dono do armazém de arroz da cidade, também nasceu numa família com dinheiro. E gente com dinheiro casa com gente que tem dinheiro, e assim vai-se amontoando, vai escorrendo para cima do que já lá estava, *ua ua ua*. Mas este é um som que já não ouço há mais de quarenta anos.

Fui eu quem levou a família Xu à desgraça. Como disse o meu pai, eu fui o seu filho maldito.

Durante alguns anos estudei numa academia particular. O que mais gostava era quando o professor, sempre vestido com uma longa túnica, me chamava para ler em voz alta. Levantava-me com o “Clássico dos Mil Caracteres” na mão e dizia-lhe:

“Isto é muito bonito, o papá vai ler-te um pouco.”

O professor da academia, que já tinha mais de sessenta anos, disse ao meu pai:

“Quando crescer, o Shaoye³ pode bem vir a tornar-se num vagabundo preguiçoso.”

Desde miúdo que não tinha emenda, pelo menos era o que dizia o meu pai. Não havia forma de esculpir em madeira podre, desabafava o professor, referindo-se a mim. Pensando agora nisto, acho que eles tinham razão, mas não era assim que eu via as coisas na altura. Pensava apenas que tinha muito dinheiro e que era eu a única chama que mantinha viva a família Xu. Caso esta chama se extinguisse, seria o final da linhagem.

Enquanto frequentava a academia particular, nunca caminhava na rua, era sempre carregado às cavalitas por um empregado da família. Quando a aula terminava, ele já estava agachado à minha espera, e depois de saltar para cima dele dava-lhe uma palmada na cabeça e dizia:

“Corre, Chang Gen.”

Ele corria, e eu ia aos saltinhos lá atrás, como um pardal num ramo de uma árvore, e dizia-lhe:

“Voa, voa!”

Chang Gen saltitava e fazia uma expressão de quem está a voar.

Depois de crescer comecei a ganhar o gosto por ir à cidade, e muitas vezes ficava lá dez ou quinze dias seguidos, sem regressar a casa. Vestia uma túnica de seda branca e punha o cabelo sedoso e brilhante. Parava junto ao espelho a olhar para a minha cabeça envernizada e pensava que parecia realmente um homem endinheirado.

Adorava ir à casa das raparigas e ouvir os risinhos provocantes que soltavam toda a noite, era como coçar uma comichão no interior do meu corpo. Quem começa a ir às raparigas acaba por, inevitavelmente, começar a jogar. A prostituição e o jogo estão profundamente ligados, são como o braço e o ombro, não há forma de os separar. À medida que o tempo foi passando, gostava sobretudo de jogar, e as raparigas eram já apenas para descontrair, tal como quem bebe muita água precisa depois de se libertar, ou seja, de mijar. O jogo é uma coisa completamente diferente, deixava-me contente e tenso ao mesmo tempo, e era principalmente essa tensão que me trazia um conforto difícil de explicar. Antes, não fazia absolutamente nada, passava o dia todo sem energia. Quando acordava, a única coisa que me preocupava era como iria passar o tempo nesse dia. O meu pai costumava gritar comigo, repreendia-me por não honrar os antepassados. Eu pensava que não era apenas eu que o fazia, e dizia para comigo: “Como é que ele se atreve a impedir-me de passar os dias como me apetece e vem com esta conversa de honrar os antepassados? Ainda por cima o meu pai, que em jovem tinha sido igual a mim. Os nossos antepassados tinham mais de duzentos *mu* de terra, mas depois de chegarem às suas mãos só restaram pouco mais de cem.” Disse-lhe:

“Não te preocupes, o meu filho logo tratará de honrar os antepassados.”

Temos sempre de deixar qualquer coisa à geração seguinte. A minha mãe riu-se ao ouvir-me pronunciar esta frase, e disse-me discretamente que o meu pai, em jovem, também tinha dito o mesmo ao meu avô. Pensei: “Exatamente, quer obrigar-me a fazer aquilo que ele próprio não foi capaz de fazer, como quer que eu reaja?” O meu

filho Youqing ainda não tinha nascido, e a minha filha Fengxia tinha precisamente quatro anos. Jiazhen estava grávida de seis meses do Youqing, e estava bastante feia, evidentemente. Arrastava-se pela rua como se tivesse um *mantou*⁴ preso no ventre, e os seus pés mexiam-se apenas para os lados e não para a frente. Eu tentava evitá-la, dizendo-lhe:

“Se o vento sopra essa barriga, ficas uma bola gigante.”

Jiazhen nunca contra-atacava. Ficava triste com este tipo de palavras maldosas, mas dizia apenas em surdina:

“Felizmente, o vento não está forte.”

Depois de ganhar o vício do jogo, comecei a sentir o desejo genuíno de honrar os meus antepassados, e para isso pretendia recuperar os mais de cem *mu* de terra que o meu pai tinha perdido em jovem. Nesses dias, ele perguntou-me que idiotices andava a fazer na cidade, e eu respondi:

“Agora não ando a fazer nada de idiota. Estou a tratar de negócios.”

Ele ficou em brasa, pois em jovem também tinha respondido desta forma ao seu pai. Entendeu que andava metido no jogo e tirou o sapato para me bater. Desviei-me para um lado e para o outro, pensando que me daria apenas umas quantas sapatadas e aquilo acabaria depressa. Mas o velho, que só quando tossia parecia ter alguma energia, batia-me de forma cada vez mais selvagem. Não sou propriamente uma mosca, não podia permitir que aquilo se prolongasse, e agarrei a sua mão e disse:

“Pai, pára com isso, porra! É só porque foste tu quem me trouxe ao mundo que não respondo, pára com isso, porra!”

Tinha conseguido agarrar a sua mão direita, mas ele tirou o sapato direito com a mão esquerda para continuar. Segurei também a sua mão esquerda, o que impedia qualquer ataque, mas ele ficou ali a fazer força muito tempo, até que gritou:

“Bastardo!”

Respondi: “Vai para a puta que te pariu!”

Empurrei-o com as duas mãos, e ele caiu de cu no canto da sala.

Nos meus tempos de juventude não houve nada que não fizesse. Comia e bebia bem e passava o tempo nas raparigas e no jogo. O bordel que frequentava chamava-se Casa Verde, e havia lá uma rapariga

gorda de que gostava bastante. Ao caminhar na rua, aquelas nádegas robustas balançavam para um lado e para o outro, tal como as lanternas penduradas à porta do edifício. Gostava de dormir em cima dela e, quando ela se mexia durante a noite, parecia que estava num barco a balouçar sobre a água. Muitas vezes, ordenava-lhe que me levasse a passear. Montava-me às suas cavalitas, como se fosse um cavalo, e saíamos os dois.

O meu sogro, o patrão Chen, era o dono do armazém de arroz, e costumava estar ao balcão vestido com uma túnica preta. Sempre que passávamos por lá, eu puxava o cabelo da rapariga para que parasse, e depois tirava o chapéu para cumprimentar o meu sogro:

“Como vai a saúde?”

Ao ver-me ali, ele ficava com cara de ovo podre, e eu arrancava a rir às gargalhadas. Mais tarde, o meu pai contou-me que o meu sogro dizia que tinha adoecido várias vezes por minha causa, e eu respondi:

“Não brinques comigo, nem tu, que és meu pai, ficas doente... Se ele fica assim, o que é que isso tem que ver comigo?”

O meu sogro temia-me, e eu sabia disso. Quando passava à porta da sua loja montado na prostituta, ele fugia como um rato lá para dentro sem se atrever a olhar para mim. Mas quem passa à porta do seu sogro não pode ser mal-educado, e assim eu gritava os meus cumprimentos para o interior do armazém.

A ocasião mais impressionante foi na altura da rendição dos Japoneses, quando o Exército Nacional se preparava para reconquistar a cidade.

Foi um dia muito animado. As ruas encheram-se de gente com bandeirinhas na mão, e em todas as lojas foi pendurada a bandeira com o céu azul e o sol branco. No armazém do meu sogro estava também afixado um grande pano, do tamanho de duas portas, com o retrato de Chiang Kai-shek. Os três vendedores do armazém estavam cá fora, todos sob o bolso esquerdo do general.

Tinha passado toda a noite anterior na Casa Verde e sentia-me com intensas tonturas, como se um saco de arroz estivesse preso aos meus ombros. Há mais de um mês que não regressava a casa e as minhas roupas largavam já um terrível fedor. Decidi então arrancar da cama aquela prostituta gorda para que me carregasse às cavalitas

até casa. Chamei também uma liteira para, depois de chegarmos a minha casa, a rapariga ser transportada de volta para a cidade.

Comigo às costas, ela começou a caminhar na direção da porta da cidade, queixando-se de que tinha acabado de adormecer e que não é justo incomodar quem dorme e que eu tinha um coração negro. Enfiei-lhe uma moeda de prata por entre as mamas, para ver se conseguia calar aquela boca. À medida que nos aproximávamos da porta da cidade, a rua ia ficando mais cheia, com gente dos dois lados da estrada, o que me ia pondo mais arrebitado.

O meu sogro era o presidente da associação comercial da cidade, e vi-o ao longe, no meio da rua, a berrar:

“Ponham-se todos direitos, tudo direito! Quando chegar o Exército Nacional, quero ver toda a gente a aplaudir e a gritar.”

Alguém, que tinha reparado em mim, gritou por entre risinhos: “Vêm aí, estão a chegar!”

O meu sogro pensou que se tratava realmente do Exército Nacional e desviou-se rapidamente para um lado. Apertei as minhas pernas contra o corpo da prostituta, como se estivesse montado num cavalo, e disse-lhe:

“Corre, corre!”

Pelo meio das gargalhadas da multidão, ela começou a correr comigo às costas, mas os insultos não paravam de sair da boca daquela mulher:

“Passas a noite em cima de mim e agora também te vens montar aqui em cima! Tens o coração negro! Pões-me a correr para a morte!”

Puxei os cantos da boca para trás e saudei uma e outra vez as pessoas que se riam dos dois lados da estrada, e ao chegarmos junto do meu sogro puxei os cabelos da rapariga:

“Pára o passo, pára aqui.”

Ela soltou uns *ais* e *uis* e parou a marcha. Na voz mais alta que consegui, disse ao meu sogro:

“Meu caro sogro, venho apresentar a vossa excelência os meus votos de bons-dias.”

Desta vez tinha feito com que ele perdesse a face de forma irremediável. Ficou parado com os lábios a tremer, um pouco aparvalhado. Só passados alguns momentos é que reagiu, num tom muito rouco:

“Pelos teus antepassados, desaparece daqui.”